

A CIDADE EM CHAMAS: DESCONTINUIDADE NA PRESTAÇÃO DO *SERVIÇO DE EXTINÇÃO DE INCÊNDIOS* EM NATAL/RN (1930?-1942)⁷⁴

Fladimir Gonçalves Dantas⁷⁵

RESUMO: O presente artigo é um capítulo adaptado do livro “A Cidade em Chamas: o serviço de extinção de incêndios em Natal/RN (1917-1955)”, lançado em 29 de novembro de 2021, como parte de um trabalho que se propõe a resgatar histórias que estavam soterradas pelos incêndios que ocorreram em Natal/RN. O capítulo: A Cidade em Chamas: descontinuidade na prestação do serviço de extinção de incêndios em Natal/RN (1930?-1942) aponta uma série de pontos que culminaram com a decadência da embrionária Seção de Bombeiros, demonstrando o imprevisto da sociedade civil que atuava em cooperação com as forças da segurança pública: Exército, Marinha, Polícia Militar, Esquadrão de Cavalaria, Guarda Noturna, Agentes de Delegacia na extinção dos incêndios ocorridos durante a década de 1930, culminando com chegada dos americanos, a construção da Base Aérea de Parnamirim, e a instalação da Seção Contra Incêndios, que durante anos atuaram no combate a incêndios na capital potiguar.

Palavras-chave: Corpo de Bombeiros Militar; Incêndios; História; Rio Grande do Norte.

ABSTRACT: The present article is an adapted chapter from the book "A Cidade em Chamas: o serviço de extinção de incêndios em Natal/RN (1917-1955)", released on November 29, 2021, as part of a work that proposes to rescue stories that were buried by the fires that occurred in Natal/RN. The chapter: A Cidade em Chamas: discontinuity in the fire extinguishing service in Natal/RN (1930? -1942) points out a series of points that culminated with the decadence of the embryonic Firefighters Section, demonstrating the improvisation of the civil society that acted in cooperation with the public security forces: Army, Navy, Military Police, Cavalry Squadron, Night Watch, Precinct Agents in extinguishing the fires that occurred during the 1930s, culminating with the arrival of the Americans, the construction of the Parnamirim Air Base, and the installation of the Firefighters Section, which for years acted in fighting fires in Natal/RN's capital.

Keywords: Military Fire Department - Fires - History - Rio Grande do Norte.

Recebido em 19 de setembro de 2022	Aprovado em 20 de abril de 2023
------------------------------------	---------------------------------

74 Este é um capítulo adaptado do livro *A Cidade em Chamas: o serviço de extinção de incêndios em Natal/RN (1917-1955)*, lançado em 29 de novembro de 2021, data de aniversário dos 104 anos do *Corpo de Bombeiros Militar*, que ocorreu no Auditório da Governadoria do Gabinete Civil do Estado do Rio Grande do Norte, contando com a participação de autoridades civis, militares e políticas, incluindo a governadora Fátima Bezerra, o Imortal da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, professor Carlos Gomes, Comandantes antigos do CBMRN, Coronel Gervásio Bentes e Otto Saraiva, o atual Subcomandante Geral do CBMRN, Coronel Acioli Bento, entre outros.

75 Bacharel e Licenciado em História (UFRN, 2007); Especialista em Metodologia do Ensino de História UNINTER (2011); Especialista em Educação Ambiental e Geografia do Semi-árido - IFRN (2016); Bacharel em Direito (UFRN, 2017); Especialista em Direito Público (UERJ, 2018), Mestre em História e Espaços (UFRN, 2021), Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; Sócio Fundador da Academia Potiguar de História e Cultura Militar; Cabo Efetivo Variado do 17º Grupo de Artilharia de Campanha (2000), Soldado Bombeiro Militar (2002), Cabo Bombeiros Militar (2015), Terceiro Sargento Bombeiro Militar (2019), Segundo Sargento Bombeiro Militar (2022) e autor dos livros “A Cidade em Chamas: o serviço de extinção de incêndios em Natal/RN (1917-1955)” (2021), “Guerreiros da Paz: a Seção Contra Incêndios da Base Aérea de Parnamirim/RN (1942-1976)” (2023) e “Ressurgindo das Cinzas: o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Rio Grande do Norte (1955-1976)” (2023); <http://lattes.cnpq.br/http://lattes.cnpq.br/5374598505434859>; Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2164-2247>; e-mail: flademird@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros anos da década de 1930 marcam um período de declínio da *Seção de Bombeiros*, criada em 1917 e oficialmente instalada em 1919, e que fora praticamente absorvida pelo *Esquadrão de Cavalaria*, durante seus primeiros anos de atividade. No final da década de 1920, luta contra suas deficiências e a falta de recursos materiais e humanos. Essas informações podem ser corroboradas na Mensagem enviada à Assembleia Legislativa pelo Governador Juvenal Lamartine de Faria, na qual destacou que a capital se ressentia “extraordinariamente” de um serviço de Bombeiros, bem como o material de que dispunham estava “completamente imprestável”,⁷⁶ concluindo que

Por maior que seja a urgencia com que se apresente ao governo a solução deste problema, sinto não poder aparelhar, por enquanto, os pelotões de bombeiros do Regimento para o desempenho de suas funções, sabido como é que a questão esta intimamente ligada á do abastecimento d'agua da Capital, cujo plano as condições financeiras do Estado não permitiram executar. (RIO GRANDE DO NORTE, 1929, p. 100).

A situação da *Seção de Bombeiros* nos seus primeiros anos de existência era muito precária e incipiente, motivado pelo fato dos incêndios ocorrerem muito esporadicamente, razão pela qual os bombeiros realizavam rondas policiais urbanas, um serviço completamente alheio à atividade de prevenção e combate a incêndios.

Arelado a isso, havia pouco investimento governamental na compra e manutenção de equipamentos e ferramentas que foram inicialmente adquiridos em 1918, assim como o sistema de abastecimento de água da capital ainda era muito deficiente, não acompanhando o crescimento e expansão da cidade. Esse conjunto de fatores

contribuiu sobremaneira para um processo de decadência no serviço de extinção de incêndios em Natal.

Na pesquisa desenvolvida nos arquivos da Polícia Militar referente à década de 1930, não conseguimos localizar os alistamentos, promoções, prisões entre outros atos administrativos que eram praticados pelo então comandante da *Seção de Bombeiros*, Capitão Joca do Pará durante os anos de 1918 até fins da década de 1920. O prestigioso chefe da Seção de Bombeiros, que gozava de autoridade ante o governo, veio a falecer em maio de 1930, vítima da diabetes, levando consigo toda sua influência e fama construídas ao longo de sua carreira militar, na sociedade potiguar. Com ele, morreu um pouco da embrionária *Seção de Bombeiros*.

Dias depois da morte de Joca do Pará, o 1º Tenente Laurentino Ferreira de Moraes é designado para exercer as funções de Comandante do Esquadrão de Cavalaria e Seção de Bombeiros, em substituição ao falecido. (DANTAS, 2010, p. 342).

Pela Lei nº 731, de 31 de outubro de 1930, o efetivo do Regimento Policial Militar foi mantido com 700 praças e 37 oficiais, prevendo um Esquadrão de Cavalaria com quatro pelotões, dos quais, dois seriam destinados ao serviço de Bombeiros. (RIO GRANDE DO NORTE, 1930, p. 118). Já em 1931, o Decreto nº 139, baixa instruções para a redução gradativa do efetivo da corporação, com vistas a diminuir as despesas do Estado. (DANTAS, 2010, p. 137).

Pouco tempo depois da morte do Capitão Comandante da Seção de Bombeiros e do Esquadrão de Cavalaria, o Boletim do Regimento Policial Militar do Rio Grande do Norte nº 128, de 31 de dezembro de 1931, transcreveu o Decreto nº 177, de 16 de dezembro daquele ano, que de acordo com o Artigo 1º, o efetivo fixado das forças policiais seria de 381 oficiais e praças, distribuídos entre outros, em Estado Maior, Banda de Música, Companhias de Infantaria e Companhias de Metralhadoras Mistas, ficando extinto o *Esquadrão de Cavalaria e a Companhia Escola*, conforme previsto

76 Com o intuito de preservar a cor local do período em que os documentos foram produzidos, mantivemos em todo o trabalho a grafia original dos textos-fontes.

no Artigo 6º do supracitado Decreto Governamental.

O *Esquadrão de Cavalaria* criado em 1913, havia recebido a *Seção de Bombeiros* quando de sua inauguração em 1919, uma vez que estava anexa as suas instalações, conforme disposto no Artigo 1º da Lei nº 424, que criou a *Seção de Bombeiros*. Conforme apontado, o final dos anos vinte e primeiros anos da década de 1930 foram determinantes para o desaparecimento paulatino da *Seção de Bombeiros*, seja pela falta de investimento por parte do governo do Estado, carência de efetivo, desgaste dos equipamentos e materiais, ausência de grandes incêndios, assim como pelos sucessivos decretos governamentais, em especial o Decreto nº 139 de 1931, que não previa nas forças policiais o efetivo do *Corpo de Bombeiros*, bem como extinguiu o *Esquadrão de Cavalaria*, força policial que amparou a *Seção de Bombeiros* durante seus primeiros anos de funcionamento.

Os decretos prevendo aumento e diminuição de efetivos eram bem regulares, ano após ano, eram editados as normativas legais nesse sentido, entretanto, acreditamos que o Decreto nº 139 pode ter contribuído sobremaneira para a extinção do serviço de combate a incêndios durante a década de 1930, pois o material e equipamentos da *Seção de Bombeiros* adquiridos em 1918 estavam “imprestáveis”, bem como o reduzido efetivo, que ainda era empregado em rondas policiais urbanas, agravado pelo fato de não haver novos alistamentos nos Boletins Internos da corporação, assim como, por haver poucos incêndios na cidade.

O conjunto de fatores acima elencados contribuíram para que o *Serviço de Extinção de Incêndios* fosse diuturnamente esquecido, desprestigiado e abandonado, muito devido à ausência de grandes incêndios ou com grande número de vítimas, assim como pelo desinteresse governamental em manter a *Seção de Bombeiros*.

2 A CIDADE DE NATAL NOS ANOS 1930 E O SERVIÇO DE EXTINÇÃO DE INCÊNDIOS

Assim, a cidade de Natal apresentava um lento crescimento, conforme dados do IBGE, nos anos de 1920, o Rio Grande do Norte tinha uma população estimada em 537.135 pessoas, Homero Costa (1995, p. 79) estima que em 1935, a capital tinha 40.000 habitantes, atrelado ao momento de instabilidade política provocada pela *Revolução de 1930*, momento em que o Estado teve cinco interventores, dentre os quais, quatro militares: Aluísio Moura, Hercolino Cascardo, Bertino Dutra e Mário Câmara. (TRINDADE, 2007, p. 193).

Apesar do vagaroso crescimento da cidade, a legislação em torno da prevenção a incêndios, bem como o *Corpo de Bombeiros* permaneceu olvidado por longos anos, ainda que ocorressem periodicamente incêndios, como o noticiado pelo *Jornal do Commercio* em 1931: “Um grande incendio destruiu a casa commercial de Olympio Tavares & Companhia, situada á rua Dr. Barata. Do prédio só ficaram de pé as paredes, sendo tudo o mais devorado pelo fogo. Os prejuízos são calculados em quinhentos contos”. (JORNAL DO COMMERCIO. 21 mai. 1931, p. 3).

Como visto, não há qualquer menção ao *Corpo de Bombeiros*, a cidade se via literalmente em chamas. O jornal *A República* corrobora com a tese levantada acima, em sua primeira página, o periódico destacou no título da matéria: “Grande incendio - A casa commercial dos srs. Olympio Tavares e Cia, foi totalmente devorada pelas chammas” e segue descrevendo detalhadamente o desastre:

Natal despertou hontem sob a apavorante impressão de um grande incendio que se verificou na casa commercial Olympio Tavares e Cia, desta praça, no bairro da Ribeira, á rua Dr. Barata. O alarme foi dado ás 5 horas da manha pelos visinhos da referida casa commercial. Ao toque dos sinos e trilos da Guarda Nocturna, affluiram ao local diversas pessoas, que auxiliadas pelos inferiores do 29 B. C. não hesitaram em se lançar contra o fogo em soccorro ás casas das

adjacências. Mais tarde, chegava ao local e polícia, estabelecendo-se desde logo, cordões de isolamento e severa vigilância. (A REPÚBLICA, 20 mai. 1931, p. 1).

Acorreu ao local a *Guarda Noturna*, assim como militares do 29º *Batalhão de Caçadores* e da *Polícia*, exceto os soldados do fogo, que já não estavam mais em funcionamento, conforme apontamos anteriormente. A matéria do jornal é categórica ao relatar os órgãos envolvidos no desenlace do incêndio, apontando também que

Grande número de populares se aglomerava em frente ao prédio sinistrado. Às 9 horas o fogo estava extinto, cuja acção devoradora foi anulada pelos socorros vindos por intermédio das mangueiras da S. A. Wharton Pedrosa. As casas visinhas soffreram ligeiros danos e não se registrou prejuizo nas mercadorias devido a terem sido atiradas a rua durante a violencia das chamas. (A REPÚBLICA, 20 mai. 1931, p. 1)

O jornal ainda apurou as possíveis causas do incêndio:

Attribui-se o incendio a perversidade de gatunos, que tendo conseguido escalar a casa pelos fundos, depois de lograrem o fito desejado, sahiram pelo quintal visinho, ateando fogo ás fazendas para não deixarem vestígios de crime. No quintal da Pensão Comercial do sr. Julio Amaral, foram encontrados os seguintes objectos: ao pé de uma escada que estava encostada á parede da casa incendiada uma corda, duas toalhas, um pedaço de pano velho, uma mala com a fechadura arreventada e junto um canivete. (A REPÚBLICA, 20 mai. 1931, p. 1).

Na edição seguinte, *A República* salientou que os ladrões, Antônio Alves da Silva, Raymundo Nunes e Jose de tal (chefe da quadrilha) foram presos. As causas do incêndio foram provocadas por um descuido dos meliantes que por volta de uma e meia da madrugada escalaram o muro da Pensão Comercial, prédio vizinho ao que fora incendiado, adentrando pelo telhado do escritório da firma Olympio Tavares, no armazém de fazenda, onde com o auxílio de fachos conseguiram iluminar o recinto. (A REPÚBLICA, 21 de maio de 1931, p. 1).

Segundo o referido jornal, os ladrões dirigiram-se para o cofre de onde retiraram grande quantidade de moedas de prata antiga e de cobre, subtraindo também um revólver *Nagant*, guiados sempre pela luz das tochas. Na ação criminosa reuniram diversas peças de fazenda, as quais, pelo seu peso, não foram carregadas. À proporção que os fachos se iam extinguindo, os ladrões iam soltando a esmo os seus restos ainda inflamados, os quais se comunicaram com as mercadorias e papeis esparsos pelo chão, que logo mais, levantaram-se em grandes chamas. Diante da terrível cena de fogo, atemorizados com a violência das chamas, procuraram abafar o fogo a todo custo, o que depois de muito lutarem, não conseguindo o dominar, fugiram pelo local por onde haviam ingressado, tendo antes da fuga arrombado uma mala, onde ainda encontraram amostras de tecidos, sendo duas toalhas e dois cobertores.

Os ladrões esconderam o produto do furto nas imediações da *Escola de Aprendizagem Marinheiros*, em Refolis, vindo depois, como se nada tivesse acontecido, dormir nos vagões da Estrada de Ferro Central. No dia seguinte ao incêndio, os autores do delito saíram pelas ruas da cidade distribuindo aos pobres as moedas de cobre que estavam no cofre da empresa. Populares desconfiados com a oferta repentina, logo avisaram as autoridades policiais que conseguiram deter dois dos criminosos.

O furto seguido de incêndio também ganhou as páginas do *Jornal de Recife*, que destacou a abertura do competente inquérito policial, instaurado para apurar as causas do dito incêndio. (JORNAL DE RECIFE, 20 maio 1931, p. 2).

Figura 1 – Mapa da Ribeira – Rua Dr. Barata



Fonte: elaborado pelo Autor.

Dias depois, o *Jornal de Recife* noticiou a prisão de três suspeitos “A polícia prendeu três indivíduos recentemente chegados de Fortaleza os quaes confessaram a sua responsabilidade do incêndio da firma commercial Olympio Tavares & Cia., tendo o fogo se manifestado accidentalmente na ocasião em que penetravam o predio”. (JORNAL DE RECIFE, 22 mai. 1931, p. 2).

Por sorte, o prédio sinistrado estava assegurado pela Companhia Phenix Pernambucana. A conclusão do inquérito foi acompanhada de perto pelos noticiários. O *Diario Carioca* de 19 de junho de 1931 lançou matéria com o título: *Na capital do Rio Grande do Norte: assaltaram e atearam fogo ao estabelecimento*, eis o registro:

Está se concluindo o inquérito procedido pela polícia em relação ao incendio provocado por tres audaciosos gatunos, no estabelecimento da firma Olympio Tavares & Cia. O facto que o DIARIO CARIOCA divulgou detalhadamente, ocorreu em dias de maio findo. Os larápios, após penetrarem, á noite, nesse estabelecimento, e roubarem valores em dinheiro, atearam fogo ao predio, de tal forma que somente ficaram de pé as paredes. Presos no dia seguinte, os meliantes confessaram o roubo cometido, adeantando que somente a um descuido, foi que, provocaram o incendio. Para melhor operarem, haviam acendido um monte de papel, no interior do estabelecimento. Na precipitação da fuga esqueceram-se de apagar as chammas, o que determinou o completo sinistro. (DIARIO CARIOCA, 19 jun. 1931, p. 2).

Como se pode observar, a matéria não retrata como o fogo foi controlado, se houve ou não a ação dos bravos homens do fogo, mas o silêncio pode nos indicar que o serviço já não estava mais sendo prestado. Logo em seguida, os responsáveis pela empresa Olympio Tavares & Cia, após a conclusão do inquérito policial, soltaram uma nota no jornal *Diario Carioca* do dia 28 de julho de 1931, a qual transcrevemos abaixo:

Olympio Tavares & Cia., comerciantes nesta praça, communicam aos seus amigos e freguezes que, achando-se findas as diligencias policiaes e a vistoria judicial procedidas para averiguar as causas, felizmente demonstradas, do incendio ocorrido na madrugada de 19 de maio ultimo, em seus armazens, á rua dr. Barata n. 193, continuam provisoriamente á disposição da sua freguezia, no escriptorio da firma M. Martins & Cia. á Avenida Tavares de Lyra, n. 41 - 1º andar. Outrossim, avisam que, logo que possam liquidar o seguro contra fogo que realizaram na acreditada Companhia Phenix Pernambucana, pretendem reencetar os seus negocios, para o que contam com o apoio e a boa vontade da sua honrada freguezia e a collaboração efficaz dos seus credores das outras praças do paiz. (DIARIO CARIOCA, 28 jul. 1931, p. 5).

O jornal *A República* ainda registrou outro incidente durante o mês de maio de 1931, desta vez, uma grande explosão destruiu a caldeira do rebocador “Francisco Bicalho”, que estava se preparando para transportar uma carga de pedras para o calçamento das avenidas de acesso ao cais da cidade de Macaíba, quando a caldeira recebeu enorme pressão, vindo em decorrência disso, explodir, resultando num lamentável acidente, deixando duas pessoas feridas, o maquinista e o foguista do rebocador sinistrado. (A REPÚBLICA, 24 de maio de 1931, p. 1) Pessoas acorreram ao local juntamente com o Dr. Décio Fonseca, engenheiro chefe da Fiscalização dos Portos, providenciando a extinção do incêndio e o salvamento das vítimas. Mais uma vez o silêncio em relação à atuação dos bombeiros.

O Governo do Estado sob administração do Comandante Herculino Cascardo, Interventor Federal, publicou no jornal *A República* de 8 de

dezembro de 1931, o Decreto nº 174, fixando a despesa do Estado para o exercício financeiro de 1932. No Quadro 6 do Decreto nº 174 há o demonstrativo financeiro do Departamento de Segurança Pública referente à Polícia Militar, conforme Figura 2:

Figura 2 – Demonstrativo Financeiro do Departamento de Segurança Pública – Polícia Militar

Quadro n. 6
DEPARTAMENTO DA SEGURANÇA PUBLICA
(Polícia Militar)
Rs. 717:573\$000

Categoria	Saldo	Grat.	Etapas	Total Mensal	Total Geral
1 Tenente-Coronel...		1:000\$000		1:000\$000	12:000\$
1 Major sub-comandante...	600\$000	300\$000		900\$000	10:800\$
1 Major do Q. Sup.	600\$000			600\$000	7:200\$
1 Capitães...	467\$000	233\$000		700\$000	42:000\$
3 Capitães do Q. S.	467\$000			467\$000	28:020\$
3 1os. Tenentes...	400\$000	200\$000		600\$000	36:000\$
2 2os. Tenentes Q.S.	400\$000			400\$000	9:600\$
2 2os. Tenentes...	334\$000	166\$000		500\$000	54:000\$
3 2os. Tenentes Q.S.	334\$000			334\$000	20:040\$
1 Sargento-ajudante...	74\$000	36\$000	135\$000	245\$000	2:940\$
1 1º Sarg. musico...	74\$000	36\$000	135\$000	245\$000	2:940\$
7 1os. Sargentos...	34\$000	16\$000	135\$000	185\$000	15:540\$
14 2os. Sargentos...	24\$000	11\$000	135\$000	170\$000	23:560\$
1 2º Sarg. musico...	54\$000	26\$000	135\$000	215\$000	2:580\$
25 2os. Sargentos...	17\$000	8\$000	135\$000	160\$000	48:000\$
8 Musicos de 1ª clas.	34\$000	16\$000	135\$000	185\$000	17:760\$
9 Musicos de 2ª clas.	24\$000	11\$000	135\$000	170\$000	18:860\$
10 Musicos de 3ª clas.	17\$000	8\$000	135\$000	160\$000	19:200\$
2 Cabos-corn. tamb.	17\$000	8\$000	75\$000	100\$000	2:400\$
42 Soldados de esquad.	14\$000	7\$000	75\$000	96\$500	48:636\$
225 Soldados corneteiros tambores...	13\$000	7\$000	75\$000	95\$000	256:500\$
	14\$000	7\$000	75\$000	96\$500	13:896\$
Mais 6 dias de etapa a 4\$600 para 78 inferiores e musicos...					2:052\$
Mais 6 dias de etapa a 2\$500 para 285 praças...					4:275\$
Mais 366 dias de etapa a \$300 para 130 praças na Capital					14:274\$
					717:573\$

Palacio do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, em
 Natal, 5 de dezembro de 1931—43ª da Republica.
 HERCOLINO CASCARDO
 Antonio José de Melo e Sousa

Fonte: A REPÚBLICA, 8 dez. 1931, p. 3.

É possível verificar os vencimentos percebidos pelos oficiais e praças da corporação, diferentemente do que ocorria em outras leis de fixação de despesas no decorrer da década de 1920, onde constava o *Esquadrão de Cavalaria* e a *Seção de Bombeiros*, a do ano de 1931 não estava prevista despesas com o serviço de extinção de incêndios. Outra normativa legal que não previa nos quadros da Polícia Militar a *Seção de Bombeiros* foi o Decreto nº 177, publicado na *A República* de 20 de dezembro de 1931. O Decreto fixava o efetivo da Polícia Militar para o ano de 1932, constando de

um *Batalhão com Estado Maior*, um *Pelotão extranumerário*, três *Companhias de Infantaria* e uma *Companhia de Metralhadoras Mista*, com um efetivo de 34 oficiais e 357 praças.

A realidade da cidade no tocante aos incêndios não se modificava. Em 1932, um incêndio irrompeu no prédio da firma Pedono & Irmãos, conforme relatado no *Jornal do Brasil* datado de 3 de setembro de 1932:

OS PREJUÍZOS CAUSADOS POR UM INCENDIO.

Os prejuízos consequentes do incendio ultimamente verificado no predio situado á rua Marechal Andréa, 425 nesta cidade, e de propriedade da firma Pedono & Irmãos, são vultuosos, estando porém, o referido prédio, assim como moveis, utensilios etc., segurados em tres companhias num total de 400:000\$000. No predio sinistrado funcionavam as instalações do beneficiamento de arroz de propriedade daquela firma. (JORNAL DO BRASIL, 3 set. 1932, p. 14).

Nenhuma menção aos Soldados do Fogo. Eles já não existiam ou estavam completamente desmobilizados. Os incêndios continuavam a destruir prédios comerciais da cidade, principalmente os localizados no bairro da Ribeira. Mas outras localidades também foram cenários para as chamas durante a década de 1930, exemplo disso foi o estrondoso incêndio ocorrido em novembro de 1939, que destruiu dois milhões de quilos de algodão que estavam depositados no armazém pertencente à firma Tertuliano Fernandes, situada em Mossoró e que provocaram prejuízos estimados em seis mil contos de reis. (JORNAL DO BRASIL, 2 nov. 1939, p. 9).

Outro sinistro ocorrido no final dos anos 30 do século passado também fora icônico e registrado pela imprensa. Uma criança foi vitimada pelas chamas que consumiram uma pequena casa de palha, onde residia juntamente com Domingos Bernardino, resultando também, em graves queimaduras numa outra pessoa. O incidente ocorreu no distrito de Capella, município de Ceará-Mirim. Segundo diligências procedidas pelo

delegado daquela cidade, o incêndio foi provocado pela imprudência das duas vítimas, que se encontravam brincando com fogo dentro da precária habitação. (A ORDEM, 23 nov. 1937, p. 1).

Em agosto de 1935, uma grande explosão provocada pelo excesso de pressão numa das caldeiras do Engenho Santo Antônio, de propriedade do senhor Francisco de Souza Mattoso, no município de São Gonçalo do Amarante, destruiu todo o edifício, com exceção da chaminé, provocando prejuízos calculados em mais de 100 contos de reis, vitimando fatalmente o operário João Pimenta e uma criança, restando ainda 15 feridos, cinco em estado grave, os quais foram transportados em caminhões para capital, sendo socorridos no Hospital Miguel Couto (atualmente Hospital Onofre Lopes). (A ORDEM, 29 ago. 1935, p. 4).

A edição do dia 30 de agosto de 1935 do jornal *A Ordem*⁷⁷, trouxe matéria detalhando os estragos provocados pela explosão:

Noticiamos hontem o pavoroso sinistro occorrido, ás 12 horas de quarta-feira, no engenho “Santo Antonio” de propriedade do sr. Francisco de Souza Mattoso, no município de São Gonçalo. A medida que a noticia se espalhava, maior era o pezar da população surprehendida com o grave acontecimento de que resultaram varias mortes, ferimentos e prejuizos materiaes. A explosão da caldeira, quando o sr. Mattoso havia sahido para o almoço, destruiu todo o edificio, jogando as victimas até 300 metros de distancia. A perda total do engenho, de que, como vestigio, ficou apenas a chaminé, é calculada de 100 contos de reis. Mas os prejuizos maiores foram as vidas que desapareceram. Alem dos 2 mortos de que falamos hontem, falleceram no Hospital “Miguel Couto”, onde se encontravam em tratamento, 1 homem, 1 mulher e 1 rapaz. Dos 7 feridos que alli se acham, é grave o estado de tres.

77 Constituía uma linha editorial que privilegiava, além dos assuntos gerais do mundo e do Brasil, uma abordagem dos assuntos da Cidade do Natal, dos fatos corriqueiros, e das dificuldades acarretadas pelo seu crescimento acelerado; engajava seus jornalistas a irem a campo, nos velhos e novos espaços urbanos, que pareciam não medir esforços para trazerem aos seus leitores os dados, as informações da cidade. (SILVA, 2019, p. 17).

Da visita que fizemos áquelle estabelecimento sentimos a consternação que causou o terrível desastre. A residencia da familia do sr. Mattoso têm afluído muitas pessoas para levar no operoso industrial as suas condolencias. (A ORDEM, 30 ago. 1935, p. 1).

A tragédia ganhou novos capítulos, o número de mortos saltava de dois para cinco, restando ainda três pessoas em estado grave. Como visto, as vítimas foram levadas de caminhão para o Hospital Miguel Couto em Natal, mais uma vez, nenhum registro da atividade da *Seção de Bombeiros*.

O pesquisador Homero Costa na obra *A Insurreição Comunista de 1935* (2015) traça um panorama meticuloso do que seria a cidade de Natal durante a década de 1930, descrevendo sua população, o movimento portuário com as três companhias existentes à época: Companhia Carbonífera Rio-grandense, Companhia Nacional de Navegação Costeira e a Companhia de Navegação Lloyd Brasileira por meio dos hidroaviões da Panair; o vai e vem do transporte viário, através do Serviço Aero Condor e Serviço Aero London-Lufthansa que transportava cargas, passageiros e correios; a boemia que florescia nos cafés do centro da cidade e no bairro da Ribeira; as concorridas sessões dos cinemas: Royal Cinema, Cine Teatro São Pedro e o Politheama. (COSTA, 2015, p. 83-89).

Ao narrar os acontecimentos que culminaram com a tomada do poder na capital potiguar, durante 4 dias em novembro de 1935, por um grupo de militares do 21º Batalhão de Caçadores, membros da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e do Partido Comunista do Brasil, Homero Costa nos apresenta que dentre as ações empreendidas pelos revoltosos, destacam-se a rendição dos militares do 21º BC, tomada de pontos estratégicos como o quartel da *Força Pública*, palácio do governo, residência oficial do governador, central elétrica, estação ferroviária, jornal *A Ordem* e as centrais telefônica e telegráfica.

O medo e o temor tomaram conta das ruas, os insurgentes espalharam um rastro de destruição

em vários cantos da cidade. Logo após a tomada do quartel da Polícia Militar, a cidade estava em poder dos revoltosos. Homero Costa nos expõe um incidente envolvendo um incêndio provocado por Epifânio Guilhermino, motorista de 29 anos que, junto com sua mulher, Leonila Felix, foram um dos primeiros civis a invadirem o quartel:

A ele [Epifânio Guilhermino] coube a tarefa de trazer para o quartel alguns carros particulares. Não havia muitos na cidade e não era difícil saber quem eram seus donos e respectivos endereços. Às 7 horas da manhã, juntamente com os motoristas Manoel Justino Filho, José Bécora, Domicio Fernandes e Gaspar Martins e mais 5 praças do 21º BC saem em busca dos carros. A primeira residência que teve carro requisitado foi a de José Alves Bila, um rico negociante da cidade. Estava em casa. Entrega a chave de seus carros. Vistoriados, apenas uma “baratinha” foi levada, por se encontrar em boas condições. Ao sair da casa de José Alves Bila, Epifânio manda três dos cinco soldados que o acompanhava irem até a residência do tabelião Pedro Dias Guimarães (que havia sido prefeito de Natal). Ao chegarem à casa do tabelião o encontram em casa. Armados, não foi difícil convencê-lo a entregar a chave do cartório (localizado no centro da cidade, próximo a Prefeitura). De posse dela, **Epifânio abre o cartório, manda buscar gasolina num posto de atendimento que ficava próximo e toca fogo no cartório. Quando saem, os vizinhos, alertados pela fumaça, conseguem debelar o fogo, salvando parte da documentação.** (COSTA, 2015, p. 103). (Grifos do autor).

A cidade convulsionada, inicialmente não possuía meios para impedir os avanços da intentona comunista, tampouco tinha um serviço de extinção de incêndios, cabendo aos populares à árdua missão de enfrentar os perigos do fogo, conforme se pode observar do relato acima transcrito. Ainda segundo Homero Costa, o bairro da Ribeira era o mais importante da cidade, concentrando o comércio mais variado, com grandes lojas, empresas e bancos, hotéis, teatro, jornal oficial, e de onde partiam os bondes elétricos.

Assim, o bairro da Ribeira, o mais respeitável da cidade até então, foi palco de mais um incêndio em outubro de 1936, desta vez, as

impiedosas chamas consumiram o depósito de óleo, graxas e creolinas pertencentes à firma M. Martins & Cia, situado na Rua 15 de Novembro (antiga Rua do Triunfo).

Figura 3 – Mapa da Ribeira – Destaque na Rua 15 de Novembro



Fonte: elaborado pelo Autor

Era por volta das 12h40 quando o incêndio se iniciou, dado o alarme, acorreram ao local

Elementos da Inspeção de Polícia, que foram avisados pelo inspetor Julio Costa. Foram dadas as primeiras providências para a extinção do incêndio e isolamento dos prédios vizinhos, onde se achavam numerosos tambores de óleo. O inspetor-fiscal José Rodolpho sofreu queimaduras de 3º grau. Muito eficiente foi também a secção da **Delegacia de Ordem Social, dos empregados da firma e de populares**. Os prejuízos foram pequenos, atingindo apenas alguns tambores, mas o prédio ficou bastante danificado. Merece encomios a prontidão com que a **polícia improvisou os meios de limitar os efeitos do sinistro**. (A ORDEM, 8 out. 1936, p. 1). (Grifos do autor).

Eis uma matéria que aponta categoricamente como o *Serviço de Extinção de Incêndios* estava completamente desmobilizado em 1936, uma vez que ao local do sinistro compareceram agentes da Inspeção de Polícia, Delegacia de Ordem Social, policiais, empregados da firma e populares, menos o *Corpo de Bombeiros*,

pois este, ao menos pelo que nos parece, já não estava mais em funcionamento. Destaque-se também, como a ausência do *Corpo de Bombeiros* foi suprimida pelo imprevisto e pronto atendimento por parte das autoridades e pessoas envolvidas em debelar as chamas.

No ano seguinte, em 1937, novo incêndio, uma vez mais, ausência do *Corpo de Bombeiros*. O jornal *A Ordem* publicou matéria relatando a ocorrência de um incêndio que atingiu a Padaria Central:

Sabbado ultimo, depois da meia noite, verificou-se serio incendio na Padaria “Central”, sita á rua 13 de Maio, esquina com a João Pessoa. O fogo subiu do forno para o telhado, ameaçando passar para os prédios vizinhos. Elementos da Delegacia de Ordem Social, da Inspectoria e da Cavalaria, sob a direcção do official da ronda tte. Germano, agiram efficazmente para dominar o incendio. O trabalho durou cerca de 3 horas. O sr. José Marques foi ferido na testa, recebendo o cabo João Firmino queimaduras no braço. (A ORDEM, 7 set. 1937, p. 4).

Ainda em 1937, o Delegado do 3º Distrito abriu inquérito para apurar os fatos que motivaram um incêndio ocorrido numa Serraria situada na Rua da Estrella, pelo qual foram tomadas as providências necessárias. (A ORDEM, 30 out. 1937, p. 2). Assim como nas demais matérias trazidas à baila durante a década de 1930, os incêndios relatados nos jornais não trazem qualquer menção ao serviço prestado pelos militares do Corpo de Bombeiros, destacando-se os agentes da Delegacia de Ordem Social, Inspetoria e policiais da Cavalaria.

Os bondes que inicialmente eram puxados à burros, e que passaram a ser movidos à energia elétrica a partir de 1911, foram sempre alvos de muitas críticas do povo natalense, volta e meia um acidente, desconforto, atrasos, carestias, lotação e não muito raro, cenário para princípios de incêndio. Já havíamos relatado um incêndio ocorrido num bonde em 1917 e que ganhou as páginas dos jornais locais.

Em 1938, teve início um princípio de incêndio no Bonde nº 1, quando este subia pela Avenida Junqueira Ayres, provocando verdadeiro pânico entre os passageiros que saltaram como puderam para escapar das línguas de fogo que atingiram os bancos. (A ORDEM, 24 mar. 1938, p. 4).

Um novo sinistro põe em xeque a segurança e a tranquilidade da cidade que vive a sua própria sorte, sem um serviço de extinção de incêndios organizado. Em novembro de 1939, cinco casas de palhas, situadas na Rua Ceará Mirim, no Tirol, ardem em chamas. De acordo com a reportagem realizada pelo jornal *A Ordem*, o que teria provocado o incêndio foi uma faísca de um dos casebres, propagando-se pelas residências vizinhas, que ficaram reduzidas a cinzas, mas sem deixar vítimas, ainda que os seus moradores tenham ficado sem abrigo e alimentos. (A ORDEM, 28 nov. 1939, p. 4).

O desenvolvimento da cidade de Natal durante os primeiros anos da década de 1940 ocorria vagarosamente, contava a capital com entidades científicas e culturais como o IHGRN (Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte) e ANRL (Academia Norte-rio-grandense de Letras), onze clubes esportivos, três jornais: A República, A Ordem e o Diário, cerca de 450 estabelecimentos industriais, em sua grande maioria de pequeno porte, ligadas aos setores tradicionais da economia, quatro bancos: Banco do Brasil, Banco dos Auxiliares do Comércio, Banco do Comércio e Indústria e Banco do Rio Grande do Norte, alguns hospitais, destacando-se o Hospital Miguel Couto, Policlínica do Alecrim, Hospital São João e Maternidade Januário Cicco (SUASSUNA e MARIZ, 2005, p. 317). Segundo o Recenseamento Geral de 1940, Natal tinha 55.242 pessoas, enquanto o Rio Grande do Norte tinha 774. 464 pessoas. (IBGE, 1941, p. 39).

Esse desenvolvimento foi acompanhado pelo crescimento da economia durante as décadas de 1920 a 1940, em especial com a produção de algodão, uma das maiores riquezas do Estado,

vivenciando alguns períodos mais favoráveis, em especial naqueles “em que existia uma expansão da economia internacional (1921/1929, 1936/1939) ou quando predominava uma economia de Guerra (1914/1918, 1940/1940)”. (SANTOS, 1994, p. 149).

Diante desse contexto de lento crescimento da cidade, havia lugares que possuíam um maior registro de ocorrências envolvendo o fogo, certamente, as Estações de Trens na Ribeira são uns desses locais, devido principalmente ao fato do transporte de produtos de fácil combustão, como o algodão. Conforme já apontamos anteriormente, a Estação Férrea foi cenário de grandes incêndios em 1890 e 1916. O jornal *A Ordem* destacou em sua edição de 7 de novembro de 1940, mais um incêndio num vagão de trem:

Hoje, por volta das 11 horas, no carro 0-35, da Central, procedente de São Romão (atual município de Fernando Pedroza), carregado com 72 fardos de algodão, pertencentes à S. A. Wharton Pedroza, verificou-se **violento incêndio**, provocado por uma fagulha desprendida de uma máquina que fazia manobras na esplanada da estação desta cidade. No incêndio os fardos ficaram completamente destruídos, tendo o vagão ficado bastante danificado. Os prejuízos montam a 15 contos de reis. (A ORDEM, 7 nov. 1940, p. 1).

Em agosto de 1941, um princípio de incêndio foi registrado no Depósito de Gasolina da *Standart Oil*, localizado no Refoles, Bairro do Alecrim. Já era noite quando populares e funcionários do local conseguiram impedir o avanço do fogo. O inquérito policial foi aberto para apurar as causas do sinistro, sendo localizado pelos policiais, um metal suspeito que foi levado para investigações. (A ORDEM, 13 ago. 1941, p. 1).

Os incêndios eram esporádicos, mas demonstravam preocupação para sociedade, em especial, aos proprietários de comércios e indústrias. Numa tentativa de reativar o serviço de extinção de incêndios na capital, o presidente da Associação Comercial do Rio Grande do Norte, Manoel Gurgel do Amaral, que fora eleito para o

período de 1939-1952, enviou ao presidente da República, Getúlio Vargas, um telegrama solicitando a instalação em Natal de uma *Seção de Bombeiros* para servir à cidade, conforme apontado por Veríssimo de Melo: “SECÇÃO DE BOMBEIROS EM NATAL A 30 de março de 1942, o presidente anunciou em sessão da diretoria que passara telegrama ao Presidente da República solicitando a instalação em Natal de uma secção de bombeiros para servir à cidade”. (MELO, 1992, p. 60).

No dia 4 de maio de 1942, o governo estadual, por meio do seu Interventor Federal, sancionou o Decreto-Lei nº 148, abrindo crédito especial de 60.000\$000 (sessenta contos de réis), no Departamento de Segurança Pública, destinando ao aparelhamento de seus diversos serviços, incluindo aí, a aquisição de veículos, aparelhos de rádio e material para bombeiros entre outros. (DANTAS, 2010, p. 314; A ORDEM, 6 mai. 1942, p. 2).

Ainda assim, mais uma ocorrência de incêndio é registrada. A cidade continuava sem um Corpo de Bombeiros. As pessoas que estavam presentes na *Escola Profissional do Alecrim* viveram momentos de aflição e pânico na manhã do dia 25 de maio de 1943, quando a sala destinada ao curso de marcenaria foi tomada pelas chamas, tendo chegado até a sala das máquinas, provocando inclusive a queda do teto:

RIO GRANDE DO NORTE. INCENDIO.
NATAL, 27 (Asapress)

Manifestou-se um violento incendio nas oficinas da marcenaria da Escola Profissional do Alecrim. O sinistro tomou proporções ameaçadoras, fazendo perigar todo o prédio. O fogo foi extinto graças à intervenção de diversas pessoas, que acorreram ao local imediatamente. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RJ), 28 mai. 1943, p. 5).

O Investigador Arnaldo Barbosa e o senhor Avelino Viana, ao avistarem a cortina de fumaça advinda do local, acorreram imediatamente. Auxiliados pelo mestre da oficina, o senhor José Hermógenes Bulhões, professor Aprígio Antônio

de França, secretário da Escola, outras pessoas, inclusive funcionários do estabelecimento e dois escoteiros, empreenderam os esforços necessários para extinção do fogo, o que só foi conseguido após muito esforço. Os jornais *A Ordem* (26 de maio de 1943, p. 4) e o carioca *Diário de Notícias* relataram o ocorrido, do qual extraímos a matéria do último periódico, acima transcrita.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem um serviço organizado de extinção de incêndios, devido primordialmente à desativação do *Corpo de Bombeiros*, desde ao menos os primeiros anos da década de 1930, só restava o imprevisto e solidariedade das autoridades responsáveis pela segurança pública e populares mais solícitos para conter os perigos do fogo.

Somente algo grandioso poderia mudar os rumos da urbe quanto a sua própria segurança, prevenção e combate a incêndios, eis que uma guerra atravessa a pacata cidade de Natal, em especial, num planalto localizado a oeste “entre colinas em meias laranjas, com a lagoa que lhe deu nome”, no então Distrito de Parnamirim, que em tupi guarani: Paraná-mirim, significa rio pequeno. (SUASSUNA e MARIZ, 2005, p. 317-318).

Os americanos investiram maciçamente na estruturação de bases aeronavais no norte e nordeste do Brasil, destacadamente em Belém, Recife e Natal. A capital potiguar, situada numa posição geográfica estratégica e privilegiada, sendo limitada a leste pelo oceano Atlântico, tornando-se naturalmente o ponto mais próximo até Dakar, na África, acabou despertando o interesse dos americanos. Em julho de 1941, após autorização do presidente Getúlio Vargas, os Estados Unidos começaram a construção da Base Aérea, que ficou a cargo da *Pan Am*. Entre as obras realizadas, os americanos construíram um oleoduto interligando o Campo de Parnamirim e as docas do rio Potengi, uma pista asfaltada para facilitar os deslocamentos entre a Base Aérea e a cidade de Natal.

A Base Aérea de Parnamirim até hoje é uma construção monumental, uma megabase, verdadeira cidade militar que foi erguida em poucos meses, ao custo de 9,5 milhões de dólares (PEIXOTO, 2003, p. 64), capaz de operar com cerca de 30 mil pessoas, possuindo pistas de pouso e decolagem de 1.834 e 2.268 metros, torres de controle aéreo, posto meteorológico, dez hangares, seis casas de força, 12 poços artesianos e 29 prédios para alojamento das guarnições, entre outras construções, totalizando mais de 600 edificações, incluindo aí uma *Seção de Contra Incêndios*:

A pista de pouso e decolagem assim como suas áreas de taxiamento e pátio de aeronaves abarcam uma grande área central, onde não há vias além delas mesmas, e a construção mais próxima é a **Seção de Contra Incêndio (SCI)**, que se faz mister estar presente próximo das cabeceiras para atender a qualquer emergência. Há um acesso interno conectando a base Leste à Oeste, em uma via calçada parte em asfalto, parte em paralelepípedos, que inclusive também dá acesso à **SCI, somente acessado por viaturas**. O acesso a essa via se faz pelos portões da área operacional com um limite de velocidade 20km/h e com exigência de pisca alerta ligado. Ao aproximar-se das cabeceiras, há sinalização exigindo atenção às aeronaves, onde faz-se necessário a parada caso haja alguma delas pousando ou decolando, até a passagem das mesmas. (DE GOES, 2019, p. 123).

É justamente essa *Seção Contra Incêndios*, localizada numa das cabeceiras das pistas de pouso da Base Aérea de Parnamirim, organizada para dar segurança às máquinas voadoras, que prestará o *serviço de extinção de incêndios* na capital durante vários anos, quando do ressurgimento do *Corpo de Bombeiros*, em 1959, o que é minuciosamente narrado nas obras “Guerreiros da Paz: a Seção Contra Incêndios da Base Aérea de Parnamirim/RN (1942-1976)” e “Ressurgindo das Cinzas: o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Rio Grande do Norte (1955-1976)”

REFERÊNCIAS

- A explosão da caldeira do engenho “Santo Antonio”. **A ORDEM**, 30 ago. 1935, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=161>>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- COSTA, Homero de Oliveira. **A insurreição comunista de 1935**. Natal, RN: EDUFRN, 2015.
- DANTAS, Ângelo Mário de Azevedo. **Cronologia da Polícia Militar do Rio Grande do Norte: 175 anos de história – 1834 a 2009**. Natal: Edição do Autor, 2010. Volume I.
- _____. **Cronologia da Polícia Militar do Rio Grande do Norte: 175 anos de história – 1834 a 2009**. Natal: Edição do Autor, 2010. Volume II.
- DANTAS, Fladimir Gonçalves. **A cidade em chamas: o serviço de extinção de incêndios em Natal/RN – 1917 a 1955**. Natal: RN Editora, 2021.
- _____. **Ressurgindo das Cinzas: o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Rio Grande do Norte (1955-1976)**, Natal: RN Editora, 2023.
- _____. **Guerreiros da Paz: a Seção Contra Incêndios da Base Aérea de Parnamirim/RN (1942-1976)**. Natal: RN Editora, 2023.
- DE GOES, Javerson Alves. **Trampolim da aviação: transformações históricas, forma urbana e inventário da arquitetura do campo Parnamirim**. Natal, 2019. Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Expediente do Interventor. Decreto nº 177 de 16 de dezembro de 1931. **A REPÚBLICA**, 20 dez 1931, p. 3.
- Explodiu a caldeira do engenho "Santo Antonio" em São Gonçalo. **A ORDEM**, 29 ago. 1935, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=160>>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- Grande incendio - A casa commercial dos srs. Olympio Tavares e Cia, foi totalmente devorada pelas chammas. **A REPÚBLICA**, 20 mai. 1931, p. 1.
- Grande incendio - A origem do lamentavel accidente. **A REPÚBLICA**, 21 mai 1931, p. 1.
- Grande incêndio em Mossoró. **JORNAL DO BRASIL**, 2 nov. 1939, p. 9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=96968>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- Governo do Estado. Decreto nº 174 de 5 de dezembro de 1931. **A REPÚBLICA**, 8 dez. 1931, p. 3.
- IBGE. **Sinopse Preliminar dos Resultados Demográficos segundo as Unidades da Federação e os Municípios do Censo Demográfico de 1940**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=7314&view=detalhes>> Acesso em 10 ago. 2021.
- Incendio e morte. **A ORDEM**, 23 nov. 1937, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=2717>>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- Incendiou-se a Padaria "Central". **A ORDEM**, 7 set. 1937, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=2486>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

Incendio num vagão da Central, carregado de algodão. **A ORDEM**, 7 nov. 1940, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=5589>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

Lamentavel desastre - O rebocador Francisco Bicalho, das Obras do Porto desta Capital, teve uma caldeira violentada por uma explosão. **A REPÚBLICA**, 24 mai. 1931, p. 1.

MELO, Veríssimo de. **Centenário da Associação Comercial do Rio Grande do Norte**: 1892 – 1992. Natal: Clima, 1992.

Na capital do Rio Grande do Norte: Assaltaram e atearam fogo ao estabelecimento. **DIARIO CARIOCA**, 19 jun. 1931, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_02&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=5237>. Acesso em: 17 abr. 2023.

Notícias dos Estados. Rio Grande do Norte. INCENDIO. **DIÁRIO DE NOTÍCIAS** (RJ), 28 mai. 1943, p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_02&pasta=ano%20194&pesq=incendio&pagfis=14180>. Acesso em: 17 abr. 2023.

O Incendio de hontem no Deposito de Oleo, de M. Martins & Cia. **A ORDEM**, 8 out. 1936, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=1425>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

Palacio do Governo. **A ORDEM**, 6 mai. 1942, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=7900>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

PEIXOTO, Carlos. **A história de Parnamirim**. Natal: Z Comunicação, 2003.

Pelo nacional: O Jornal do Rio Grande do Norte. **JORNAL DE RECIFE**, 20 mai. 1931, p. 2. Disponível: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=113397>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

Pelo nacional: O Jornal do Rio Grande do Norte. **JORNAL DE RECIFE**, 22 mai. 1931, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=113415>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. Boletim do Regimento nº 128, 31 dez. 1931 p. 751. Natal: PMRN.

Princípio de incendio na Escola Profissional do Alecrim. **A ORDEM**, 26 mai. 1943, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=9226>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

Princípio de incendio no deposito da Standard Oil. **A ORDEM**, 13 ago. 1941, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=7061>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

RIO GRANDE DO NORTE, MENSAGEM DO GOVERNADOR DO ESTADO, 1929. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

_____. MENSAGEM DO GOVERNADOR DO ESTADO, 1930. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

RIO GRANDE DO NORTE: os prejuízos causados por um incendio. **JORNAL DO BRASIL**, 3 set. 1932, p. 14. Disponível

em:<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=26138>. Acesso em: 17 abr. 2023.

RIO GRANDE DO NORTE: um grande incêndio. **JORNAL DO COMMERCIO**. 21 mai. 1931, p. 3. Disponível:<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_12&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=10055>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SANTOS, Paulo Pereira dos. **Evolução econômica do Rio Grande do Norte**: do século XVI ao século XX. Natal: Clima, 1994.

Secção Livre: ao commercio. **DIARIO CARIOCA**, 28 jul. 1931, p. 5. Disponível em:<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_02&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=5654>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão; MARIZ, Marlene da Silva. **História do Rio Grande do Norte**. 2ª ed. rev. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2005.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2007.

Um bonde parado, que bota os passageiros p'ra correr. A ORDEM, 24 mar. 1938, p. 4. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=3112>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

Um incendio destruiu, ontem, cinco casebres no bairro do Tiro. A ORDEM, 28 nov. 1939, p. 4. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=5062>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

Um incendio na Serraria da Rua da Estrella. A ORDEM, 30 out. 1937, p. 2. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=incendio&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=2656>>. Acesso em: 17 abr. 2023.